



## APRESENTAÇÃO

Tratar de ensino de gramática – tema central do presente volume – implica tratar, em alguma medida, daquilo que se entende ser o papel do agente principal desse ensino, o professor. Como é visto, por exemplo, um professor de Física ou de Biologia? Representaria ele a face escolar da Ciência? E como é visto um professor de Português? Ao que parece, essas concepções relacionam-se à própria evolução do pensamento científico em cada área do conhecimento.

Há muitos séculos, em diferentes lugares, o ser humano voltou sua inteligência e arte para pensar o mundo ao seu redor sem ter de caminhar pelo mito e pela magia: a observação de regularidades – e suas categorizações – alavancou concepções, princípios e hipóteses que fundamentaram explicações sobre fenômenos físicos, biológicos, histórico-sociais, químicos, dentre outros. Por essa via, estabeleceram-se paradigmas que, em movimentos cíclicos e contínuos, foram se quebrando e se reconfigurando até a consolidação dos campos da Ciência que, hoje, conhecemos na pesquisa acadêmica, bem como no imaginário social. Nesse sentido, a sociedade projeta uma imagem de *cientista*, seja biólogo, historiador, físico, filósofo, matemático, segundo abstrações construídas na vivência de cada um pelo acesso aos meios escolares ou por canais de telecomunicação. Nesse contexto, o que dizer dos linguistas? Que lugar ocupam os Cientistas da Linguagem no imaginário social e na escola? E ainda: como se concebe o lugar dos professores de língua? Seriam esses os divulgadores da ciência linguística, assim como seriam os de Física em sua área?

Ao que tudo indica, diferentemente do que ocorre em outras disciplinas, a concepção relativa ao professor de Português foi construída mais como “quem orienta quanto ao que se deve ou não usar na língua” do que como “quem constrói ou, ao menos, divulga qualquer conhecimento científico sobre ela”. Se as reflexões e descrições sobre a linguagem humana são seculares, a apenas centenária *Linguística* ainda busca encontrar seu melhor diálogo e sua colaboração para com os objetos da pesquisa e da docência no âmbito da Educação Básica. Nesse sentido, ao menos três grupos de questões se afiguram urgentes: (1) Cabe desconstruir a tradição gramatical e seus conteúdos já há tanto estabelecidos e substituí-los por outros cientificamente fundamentados? Sendo esse o caso, que abordagens teórico-descritivas adotar e em que situações?; (2) Considerando que a tradição gramatical e algumas linhas científicas operam no nível da sentença, como e com que abordagens contemplar também aspectos macrotextuais e discursivos em interface?; (3) Se a tradição gramatical escolar objetiva descrever subjetivamente a língua escrita literária, como satisfazer a demanda por análise e reflexão sobre propriedades variáveis e invariáveis em gêneros textuais diversos da língua falada e escrita? Como, a um só tempo, ensinar que todas as variantes são legítimas, sem dar margem a qualquer preconceito linguístico, e orientar quanto à

existência social de um ideário de norma padrão?

Buscando interpretar o momento que hoje experimentamos, entendemos que, ao menos no contexto escolar brasileiro, vivemos especial fase de transição da figura do professor de Português como *profissional da normatização* para a figura do *profissional da linguagem*, com formação em Linguística e em Literatura. Passamos a conviver com um docente que não só atua para mediar a relação alunos-textos (orais e escritos), mas também para levar esses alunos à reflexão científico-gramatical, às habilidades de interpretação (con)textual da língua em uso social variável, e à assimilação de uma norma padrão que respeite o conjunto de variedades em uso, na fala e na escrita, evitando, assim, qualquer estigmatização de variantes linguísticas. Em outras palavras, vive-se um momento de busca-encontro do lugar da Ciência da Linguagem nos programas escolares em parêntese à busca-encontro do lugar do docente-cientista na sala de aula.

Esta publicação procura alinhar-se a esse movimento maior epistemológico, reunindo artigos de colaboradores dedicados à difícil tarefa de tradução de lugares contemporâneos para o ensino de gramática na escola. Constitui pressuposto dessa busca acomodar a pluralidade de olhares científicos, em suas diversas abordagens e linhas, nas propostas pedagógicas. A multiplicidade de desafios da sala de aula não permite a ingenuidade de concepções unilaterais sobre o tema. Uma única concepção de linguagem, uma única corrente de pensamento científico, um único fazer metodológico não podem ser configurados como “salvadores” do trabalho pedagógico. Nesse sentido, reúnem-se, neste número, artigos que atenderam à proposta da chamada para o Número 19 - Volume 2 da *Diadorim*, na qual esclarecemos querer reunir materiais que seguissem um dos três eixos lançados por VIEIRA (2017), com “experiências, debates e propostas que efetivamente colaborem para um tratamento produtivo, em sala de aula, do componente linguístico em qualquer nível gramatical (fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico)”. Já dispostos na ordem da organização dos artigos neste número, trata-se dos seguintes eixos:

- (i) Descrição de objetos teóricos: a sistematicidade gramatical – eixo voltado ao ensino de gramática como atividade reflexiva para explicitação do conhecimento linguístico natural;
- (ii) Gramática e produção de sentidos – eixo que abarca o ensino de gramática como reconhecimento dos efeitos expressivos do componente linguístico, nos níveis micro e/ou macroestrutural do texto; e
- (iii) Descrição e/ou avaliação de usos: a heterogeneidade gramatical – eixo que cobre o ensino de gramática como atividade promotora do conhecimento de regras variáveis, normas de uso e/ou norma-padrão.

Para abrilhantar nossa publicação, o número se inicia com artigo inédito de Carlos Alberto Faraco, uma referência fundamental na questão da Norma no Brasil e presença obrigatória na bibliografia de qualquer curso de Letras hoje. Em seu artigo, anterior ao tratamento de subtemas atinentes a cada um dos referidos eixos, os leitores contam com a reconstrução histórica dos perfis relacionados ao ensino de gramática e, ainda, as principais questões em pauta nos dias de hoje, frente à fase de transição em que nos encontramos.

Dentro do primeiro eixo, os artigos, valendo-se de propósitos e temas diversos, permitem abrangente reflexão sobre a necessidade do trabalho sistemático e reflexivo com o componente gramatical. Segundo linhas teóricas distintas, os dois primeiros textos – Maria José Foltran, An-

drea Knöpfle & Marcos Carreira, em uma perspectiva formalista, e Ana Flávia Gehrardt, com base nos estudos em metacognição e desenvolvimento metalinguístico – defendem que a construção do conhecimento gramatical explícito é fundamental para compreensão da língua materna. Nesse sentido, Gehrardt propõe que o conceito de letramento linguístico constituiria um conhecimento basilar da discussão sobre o ensino de língua materna no Brasil. Considerando um tema mais específico, o do tratamento dos verbos na Língua Portuguesa, Fernanda Carolina Mendes & Leosmar Aparecido da Silva demonstram como outra linha teórica, a do Funcionalismo Linguístico, pode contribuir para a abordagem produtiva de fenômenos gramaticais em sala de aula. Por fim, dois artigos – um, de Raquel Freitag, propondo, com base na experiência brasileira, a necessidade da desconstrução de dogmas acerca de fatos da língua, outro, de Maria Cristina Vieira da Silva & Íris Susana Pires Pereira, tratando da percepção de professores portugueses acerca do ensino de gramática – põem em causa a própria abordagem do conhecimento gramatical e de seu ensino na perspectiva de profissionais de Língua Portuguesa.

No âmbito do segundo eixo, duas aplicações do ensino de gramática no nível da produção de sentidos e da organização textual podem ser apreciadas. Maria Aparecida Pauliukonis, com base na Linguística do Texto e na Análise do Discurso, focaliza as estratégias linguístico-discursivas para a análise de um texto jornalístico, a reportagem em revista. Centrando a análise no gênero poema, Elisabeth Ramos da Silva & Maria José Milharezi Abud demonstram como o conhecimento analítico de aspectos morfossintáticos colabora para a leitura dos textos poéticos.

O terceiro eixo, que se ocupa das questões relacionadas à abordagem sociolinguística de fatos morfossintáticos da Língua Portuguesa, permite observar o tratamento pedagógico de quatro fenômenos variáveis: a expressão do acusativo anafórico, por Ângela Marina Bravin dos Santos & Clea Daniele Cruz de Lima; o quadro de pronomes pessoais, por Leandro Silveira Fleck & Taíse Simioni; a concordância verbal, por Danieli da Silva Chagas; e, ainda, a ordem sujeito-verbo / verbo-sujeito, por Shélida da Silva dos Santos & Julio Manoel da Silva Neto. A leitura desses artigos, que se constroem com base em experiências pedagógicas diversas, faz acreditar que é possível trabalhar o componente variável em sua extensão e complexidade, sem negar, entretanto, o valor social da língua e o conceito de norma padrão.

Chegar a esse conjunto de textos é fruto da colaboração de uma zelosa equipe editorial da Revista e de mais de 50 pareceristas, com quem convivemos em intensa e construtiva troca de mensagens. A eles agradecemos sincera e profundamente cada crítica e sugestão aos artigos avaliados. A parceria acadêmica aqui estabelecida foi muito além do compromisso técnico. Foi envolvimento de colegas que fazem o que amam fazer.

Por fim, esperamos que o material que ora disponibilizamos seja inspiração e propedêutica para muitos docentes-pesquisadores do século XXI, que se abre em novos desafios e possibilidades.

Boa leitura,

Afranio Gonçalves Barbosa

Silvia Rodrigues Vieira